

DISSERTAÇÃO*O OBJETO DE ESTUDO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**Geni Chaves Fernandes**Universidade Santa Úrsula - RJ***Resumo**

Delimitar um objeto de estudo (como se olha) e um campo de fenômenos (para onde se olha) são parâmetros básicos para definir uma ciência e para a continuidade da atividade científica. A bem de alguns equívocos que explicitam tanto o objeto como os fenômenos da Ciência da Informação (CI) sem levar em conta o que seja realizar tal delimitação, a CI tem construído como seu objeto o que denominamos "gestão institucional dos saberes". Realizada por três instituições modernas: o Estado, a Ciência e o Sistema Produtivo Capitalista, esta gestão, que resulta na produção de um artefato cultural, a informação, tem por finalidade religar aquilo que por algum motivo esta separado na era moderna.

Palavras-Chave:

Ciência da Informação - Conceitos

1 Objeto de Estudo e Campo de Fenômenos

Embora possam ser apontados inúmeros parâmetros que servem como conceituadores, delimitadores ou caracterizadores para uma ciência, sem dúvida, a localização do campo de fenômenos pelos quais se interessa - "para onde olha" - e do objeto de estudo - "como os olha" - podem ser apontados como os parâmetros mais básicos.

A Economia, por exemplo, localiza seu campo de fenômenos de interesse, que são as relações sociais. Assim, as relações sociais no mercado de trabalho fazem parte do espectro de fenômenos de interesse para a Economia. No entanto, a maneira "como olha" tais relações, ou o que exatamente olha no mercado de trabalho, é fruto da construção de seu objeto de estudo. Este é definido como sendo as decisões que determinam a distribuição de recursos escassos¹ entre diferentes pessoas, bem como os fins que serão dados a estes recursos. (LANGE, O. 1988. p.208).

1 Escassos no sentido de existirem em quantidade insuficiente para satisfazer a todas as necessidades que deles dependem.

Assim, não é qualquer relação social no mercado de trabalho que interessa à Economia, mas apenas as escolhas efetuadas pelos agentes que impliquem num determinado uso de recursos escassos em detrimento de outros usos.

O mesmo fenômeno: as relações sociais no mercado de trabalho, pode vir a ser de interesse para a História, a Antropologia, a Sociologia, a Ciência Política, etc. O que muda, de uma para a outra, é o modo como se olha, ou como cada qual constrói seu objeto de estudo.

Desta forma, o objeto de estudo de uma ciência não surge como algo dado na própria natureza dos fenômenos que observa. O "como se olha" é uma construção voluntária e intencional de uma maneira de olhar. Além disso, a definição do objeto é muito mais influente na delimitação do campo de fenômenos do que o inverso.

Não vamos nos deter nas críticas acerca da separação do mundo em objetos. Gostaríamos apenas de ressaltar que quando uma ciência focaliza um objeto, traça um necessário caminho para conhecer. Isto pode ser encarado e encaminhado, no processo de conhecimento, como um recorte no mundo real que ignora qualquer elemento fora do objeto - e esta atitude é a que tem sido largamente criticada - ou como uma ação que focaliza um interesse e procura respostas para perguntas previamente estabelecidas - o que não significa ignorar a influência que elementos fora do objeto delimitado possa exercer sobre ele.

Nossa tarefa, neste artigo, é propor uma discussão e uma identificação do objeto de estudo da Ciência da Informação (CI).

2 Definições Explícitas

Há, na literatura de CI, algumas definições estabelecidas para seu objeto de estudo. São defini-

ções explícitas, e podem ser grupadas. Seleccionamos algumas para um exame.

A definição mais recorrente é a que aponta a própria "informação" e/ou suas propriedades como sendo o objeto da CI². O primeiro problema desta definição é o fato de seus adeptos não saberem, ou não haver acordo acerca do que seja informação³. O segundo é que a definição não torna evidente uma intenção, um "como se olha". A informação é um fenômeno e, como tal, não define por si só a maneira como pode ser observada.

A segunda definição aponta a comunicação ou os meios de transmissão da informação como sendo o objeto de estudo da CI⁴. Embora diferente da primeira, esta definição encontra o mesmo problema: como a comunicação e a transmissão da informação podem ser de interesse da Comunicação e das Telecomunicações, por exemplo, então, o que se identificou foi um grupo de fenômenos, "para onde se olha" e não uma forma de olhá-los.

Numa terceira definição, o objeto de estudo da CI é identificado como sendo o comportamento humano em sociedade, quando se visa reduzir incertezas face a uma decisão buscando-se, para tanto, informação, esta definida como um redutor de incertezas. Há uma evidente intenção no olhar, delimitando um objeto de estudo⁵. O único problema aqui encontrado é a conceitualização do termo informação. Esta aparece apenas como o resíduo de um processo, podendo ser qualquer coisa, desde que tenha tido a capacidade de reduzir a incerteza de alguém ou de um grupo. Voltando aos nossos parâmetros iniciais, pode-se dizer que nesta visão sabe-se "como se olha", mas não se sabe "o que se olha"⁶.

Dado que as definições explícitas não satisfazem totalmente ao que se procurou definir como "objeto de estudo" e "fenômenos de interesse", encaminhamos uma proposta.

- 2 São exemplos desta visão: ZAHER, C. R., GOMES H. E. 1972. p. 7; CUADRA, C. *apud* HARMON, G. 1971. p. 236; VICKERY, B., VICKERY, A. 1987. p. 361; SARACEVIC, T. 1991. p. 7; BORKO, H. *apud* LANCASTER, F. W. 1989. p. 2.
- 3 Ilustram esta divergência: WELLISCH, H. 1972; WERSIG, C., NEVELLING, U. 1972; BELKIN, N. J., ROBERTSON, S. E. 1976; MARTELETO, R. M. 1987.
- 4 Ilustram este ponto de vista: BORKO, H. *apud* SARACEVIC, T. 1991. p. 4; SAMBAQUY, L. de Q. 1978. p. 55; SARACEVIC, T. 1970. p. xx; VICKERY, B., VICKERY, A. 1987. p. 361.
- 5 Ilustram este ponto de vista: MIKHAILOV, A. I. *apud* ROBERTS, S. A. 1976. p. 250; HARMON, G. *apud* SHERA, J. H., CLEVERLAND, D. B. 1977. p. 263.
- 6 Os problemas inerentes a esta visão são um pouco mais amplos do que podemos tratar neste artigo, especialmente quando a ela se adicionam os demais fenômenos-conceitos-chave por ela estabelecidos. Para uma abordagem um pouco mais ampla ver FERNANDES, G. C. 1993. p. 86-102.

3 O Objeto de Estudo da CI

Propor um objeto de estudo para a CI não pode ser o resultado de uma revelação ou intenção pessoal. A bem das manifestações explícitas, um exame mais atencioso pode fazer emergir um objeto já construído. Para realizar a reconstrução precisamos andar um pouco para trás, estabelecendo algumas bases.

3.1 Informação: um Problema Moderno

Por mais que a noção mais recorrente de informação remeta a algo que existe desde que o mundo é mundo, a informação enquanto problema⁷ de investigação surge apenas no período pós-guerras, associado ao que se convencionou chamar "explosão da informação".

Este fenômeno, por sua vez, é identificado como tendo origem ou como sendo problema efetivo para três instituições eminentemente modernas: o sistema produtivo capitalista, o Estado e os serviços de utilidade pública e a Ciência. Tais instituições seriam afetadas, no que tange a seu pleno funcionamento, por uma avalanche de informações, e precisam organizar-se no sentido de geri-las de forma eficiente: a informação passa a ser um problema a conhecer e a gerir.

Embora a "explosão da informação" seja apontada como um problema com o qual tais instituições tenham que lidar, vamos inicialmente levantar a suspeita que o princípio de causalidade esteja invertido. Ou seja, que são determinadas ações destas instituições que fazem surgir a "explosão da informação" e que tal problema tem como causa aquilo que se supõe ser sua solução. Nos próximos itens procuraremos formar um quadro no qual se baseia nossa suspeita.

3.2 Separado e (Re)ligado

Vários indicadores podem ser utilizados para distinguir a era moderna de sua precedente. Vamos selecionar um que serve aos nossos objetivos: a

contraposição entre as noções de junto, ligado, unido e de separado, fragmentado.

Tanto na esfera sócio-política, quanto na da produção e do conhecimento, na era pré-moderna reforça-se a idéia de unido. Não há indivíduos, nem divisão e posse privada dos meios de produção, nem divisão do trabalho, nem conhecimento especializado.

Com a modernidade ocorre a separação daquilo que estava unido: separam-se o "fazer" do "saber-fazer", o conhecimento religioso do filosófico e do científico. O conhecimento científico fragmenta o mundo em objetos e os objetos são vistos por especialidades.

O Estado moderno, neste sentido, é colocado como o espaço do debate ou de sua mediação entre os indivíduos, estes iguais, livres, singulares e autônomos para constituírem uma sociedade.

Os recursos produtivos são separados por donos diversos: o trabalhador, o dono dos recursos naturais e os capitalistas.

Junto com esta separação surgem mecanismos que servem ao que chamaremos "religação".

O mercado serve como elo que religa os recursos produtivos, consumidores e produtores; as fábricas religam os que "fazem" com os que "sabem fazer"; os periódicos científicos, especialistas e especialidades, os periódicos de divulgação religam as ciências. O Estado identifica os indivíduos, conferindo o direito de ser para todos e de saber quem é cada um. Os serviços de utilidade pública religam os cidadãos: produtores e consumidores, eleitores e candidatos, vizinhos que moram em um prédio: saber tudo sobre tudo e sobre todos assegura que cada indivíduo certifique-se que não é tratado como menos do que ninguém.

O que cada um sabe e produz como saber de si, do mundo, das coisas, precisa ser de todos - de cada um. Como não há onisciência, para atender a esta necessidade, as três instituições tomam a si a tarefa de administrar tudo o que se sabe à quase totalidade, estabelecendo meios de controle e difusão⁸. A tal ação denominamos "gestão dos saberes".

A "gestão institucional dos saberes" é uma ação cuja meta é sanar a fragmentação, a separação típica

7 Muitos autores identificam este período como o de emergência desta problemática, por exemplo: (GOFFMAN, W. 1970. p. 589); (SARACEVIC, T. 1991. p. 2); (SHERA, J. H., CLEVERLAND, D. B. 1977. p. 258-259); (ROSZAK, T. 1988. p. 17)

8 É interessante observar que os termos controle e difusão são paradoxais. Controlar é exercer poder, no sentido de definir o que é e o que não é, o que se pode ou não se pode. Já em difusão transparece a idéia de irrestrito, amplo, sem barreiras.

da era moderna. Procura dar coerência, recuperar a união, o sentido de fazer parte de, de estar em contato com.

3.3 Informação: produto da Gestão Institucional dos Saberes

As pretensões da ação de gestão são, obviamente, globalizantes. No entanto, efetua-se como uma seleção no universo dos fluxos de saber produzidos pela sociedade. Não é possível ter sob controle tudo o que pode ser denominado saber em uma sociedade, pois este é produzido a partir de pontos de vista de pessoas diferentes e em contextos diferentes⁹. O que se faz é selecionar, sumarizar e ordenar para colocar à disposição: logo, imprime-se um ponto de vista e excluem-se todos os outros possíveis pontos de vista - outros saberes.

O resultado desta "gestão institucional dos saberes" é um produto - a informação - colocado à disposição como um meio para (re)ligar aquilo que foi separado. Como tal, a informação é um artefato, pois produzido intencionalmente pela cultura moderna, que retira partes do saber contido na sociedade, recolocando-os num novo contexto.

Como o saber é um processo, o controle se torna algo frenético e a produção de informações toma proporções cada vez mais astronômicas. Suas origens remontam ao início da era moderna e seus resultados mais dramáticos se fizeram sentir no pós-guerras, a partir de quando os meios de controle e difusão se desenvolveram rapidamente.

A informação torna-se um problema, exigindo seu estudo mais aprofundado e meios mais eficazes para controle. E quanto mais meios se desenvolvem, mais se pode gerir e controlar e mais informação é produzida, recolocando-se o problema. É aí que consideramos estar invertido o princípio da causalidade - embora haja uma retroalimentação. Ninguém, por exemplo, saberia ou se preocuparia com o enorme volume de produção científica hoje existente se este não estivesse sendo controlado, porque simplesmente não estaria sendo contado.

3.4 Proposta de um Objeto

Uma vez que a informação é um artefato moderno, produzido como resultado da "gestão institucional dos saberes", a que tarefa se dá ou se deve dar a CI?

Dentre as tarefas de uma ciência estão: construir um objeto de estudo - um modo de olhar - e interrogar os fenômenos existentes, estabelecidos em um campo, segundo esta forma de olhar e gerando, como resultado, um conhecimento útil.

Ou seja, estes são meios para construir um "mundo de saber sobre seu objeto", observando um campo delimitado de fenômenos "no mundo real", natural ou construído.

Assim, não parece correto estabelecer que a função da CI é produzir meios para controle do saber ou da informação. Primeiramente porque não se pode querer melhorar o funcionamento de algo que não se sabe como funciona. Em segundo porque a adoção desta função a remeteria a uma atividade técnica e não científica, e, daí, necessitaríamos que outra ciência gerasse o conhecimento sobre o funcionamento da produção e controle do saber e da informação, de modo que a CI pudesse, a partir deles, gerar novos meios e técnicas mais eficazes.

Um olhar mais atento à literatura de CI indica inúmeros estudos sobre o comportamento dos usuários e produtores, de quando estão ou não satisfeitos, de como e porque produzem e necessitam de informação, a partir de quando consideram a informação obsoleta, etc.

Os estudos voltam-se mais sistematicamente para as informações, ou seja, aquilo que resulta da "gestão institucional dos saberes" feita pelas três instituições modernas: são o comportamento e necessidades da comunidade científica, serviços de informação de utilidade pública, bancos de dados com informação de mercado, dentre outros.

O que se quer saber é como se dá esta gestão, no que resulta, que repercussões traz para o cidadão e para a sociedade. Estudam-se os sistemas e princípios de classificação, os meios de indexação, etc... mas estes já existiam e independem, para sua existência, do

⁹ Neste primeiro número dos Cadernos há um artigo de PACHECO, L. M. S. 1992., onde a autora aponta a impossibilidade de controle sobre o saber, evidenciando que conta-se suporte e não registros.

surgimento da CI. O que se quer saber é como isto funciona, a que veio e se cumpre as metas às quais se propõe¹⁰ e se não as cumpre: por quê?

Ora, que o resultado da produção de um "saber como é" leva a uma ação intervencionista sobre o mundo real é fato, mas a atividade de produzir conhecimento é diferenciada daquela de produzir fenômenos. A CI deve conduzir seus esforços no sentido de construir um objeto de estudo e não de produzir fenômenos e talvez isto ainda não seja um ponto bem esclarecido na área.

Estamos já em ponto de propor que o objeto de estudo da CI é a "gestão institucional dos saberes", enfim, as ações exercidas pelas instituições (e não por pessoas) modernas sobre o fluxo de saber produzido

pela sociedade e seus reflexos sobre esta última.

A informação, definida neste contexto, não é qualquer coisa, mas o artefato produzido como resultado desta ação, com o objetivo de religar aquilo que foi separado. Isto não quer dizer que a informação seja o único fenômeno que interessa à CI, mesmo porque a informação não se realiza em si mesma ou em seu contexto de produção, mas em outros contextos que não o informativo e estudá-la apenas nesta esfera nos levaria a andar em círculos.

Precisamos também ter claro que a adoção deste objeto não significa ignorar as influências que elementos fora dele possam exercer sobre ele, como por vezes parece querer o método científico, mas adotar um modo de olhar.

10 Uma interessante colocação acerca deste assunto é feita por TEIXEIRA, C. H. 1992, onde a autora demonstra a impossibilidade da informação de satisfazer totalmente ao fim para o qual é produzida e inclui como uma variável externa para o entendimento desta impossibilidade o conceito de narração.

Abstract

To demarcate the subject (how to look) and the phenomenons (what to look) in a science are basic parameters to define the science, and contributes to the continuity of the scientific activity. Although some mistakes in the identification of both, present in the IS literature, it has already constructed as its subject the "knowledge institutional interventionist management". Carried out by three modern institutions: the State, the Science and the Capitalist Productive System, such a management produce a cultural artifact - the information, which is produced with the aim of to solve the fragmentation experienced in this era.

4 Bibliografia

- BELKIN, N.J., ROBERTSON, S.E. Information Science and the phenomenon of information. *JASIS*, v.27, n. 4, p.197-204, 1976.
- GOFFMAN, W. Information Science: discipline or disappearance. *Aslib Proceedings*, v.22, n. 12, p.589-596, 1970.
- FERNANDES, G.C. *O que é Ciência da Informação: uma identificação através de relações conceituais a partir de três visões*. Orients.: Maria Nélida G. de Gomez e Rosali F. de Souza. Rio de Janeiro, 1993. Diss.(Mest. Ci. Inf.) ECO/UFRJ- IBICT/CNPq.
- HARMON, G. On the evolution of information science. *JASIS*, v.22, n. 4, p.235-241, 1971.
- LANCASTER, F.W. O currículo de Ciência da Informação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v.17, n. 1, p.1-20, 1989.
- LANGE, O. O objeto e método da Economia. In: IPEA/INPES. *Clássicos de Literatura Econômica*. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1988. p.171-193.

- MARTELETO, R.M. Informação: elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno? *Ciência da Informação*, Brasília, v.16, n. 2, p.169-180, 1987.
- PACHECO, L.M.S. *Informação e contexto: uma análise arqueológica*. Orients.: Heloísa T. Christóvão e Alfredo A. C. M. de Souza. Rio de Janeiro, 1992. Diss.(Mest.Ci. Inf.) - ECO/UFRJ -IBICT/CNPq.
- ROSZAK, T. *O culto da informação: o folclore dos computadores e a verdadeira arte de pensar*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- SAMBAQUY, L. de Q. Da Biblioteconomia à Informática. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.7, n. 1, p.51-60, 1978.
- SARACEVIC, T. *Information Science: origin, evolution and relations*. / s.l. / / s.ed. / 1991. (pré-publicação) _____. (org.). *Introduction to Information Science*. New York, London: R.R. Bowker, 1970. p.xii - xxiii.
- SHERA, J.H., CLEVERLAND, D.B. History and foundations of Information Science. *ARIST*, n. 12, p.264-275, 1977.
- TEIXEIRA, C.H. *Interpretando o fenômeno da informação: um estudo dos universos informativos como universos de narração*. Orients.: Maria Nélida G. de Gomez e Heloísa T. Christóvão. Rio de Janeiro, 1993. Diss. (Mest. Ci. Inf.) - ECO/UFRJ - IBICT/CNPq.
- VICKERY, B., VICKERY, A. *Information Science in theory and practice*. London: Butterwarths, 1987.
- WELLISCH, H. From Information Science to Informatics: a terminological investigation. *Journal of Librarianship*, v.4, n. 3, p.157-187, 1972.
- WERSIG, C., NEVELLING, U. The phenomena of interest to Information Science. *Information Scientist*, v.9, n. 4, p.127-140, 1975.
- ZAHER, C.R., GOMES, H.E. Da bibliografia à Ciência da Informação: um histórico e uma posição. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p.5-7, 1972.